

APRESENTAÇÃO

Marcelo Diego, Universidade Federal do Rio de Janeiro

Gabriel Chagas, University of Miami

A despeito de integrar hoje o núcleo duro do repertório de literatura brasileira do século XX, Lima Barreto (1881-1922) e sua obra foram objeto de um sistemático olvido, por parte do mundo das letras nacionais, nas décadas subsequentes à sua morte, sendo resgatados apenas a partir dos anos 1950 – graças, principalmente, aos esforços de Francisco de Assis Barbosa, começando então a receber a devida atenção, por parte da crítica e do público. Barbosa foi não apenas o primeiro biógrafo do escritor, como também responsável pela republicação (e muitas vezes recolha de inéditos) de romances, crônicas, contos e diários de Lima Barreto, pavimentando um caminho que mais tarde seria percorrido por uma tradição de importantes intérpretes, como Nicolau Sevcenko, Antonio Arnoni Prado, Beatriz Resende, Carmem Negreiros e Lilia Moritz Schwarcz.

O romance *Clara dos Anjos* é a narrativa derradeira do escritor, finalizado pouco antes da sua morte; curiosamente, é também o seu texto de mais extensa gênese, tendo ele trabalhado nas diversas versões do manuscrito ao longo de toda a vida, sem chegar, contudo, a vê-lo em letra impressa, posto que foi publicado pela primeira vez apenas entre 1923 e 1924, como folhetim. Inovador por alargar a espacialidade da ficção carioca, abarcando definitivamente os subúrbios, o romance caracteriza-se, ainda, por ser a única narrativa longa do autor que tem uma mulher como protagonista, além do fato de ser o único de seus romances dedicado a uma personalidade da sua esfera familiar – a mãe –, e não do seu círculo literário.

Os cem anos de *Clara dos Anjos* são o mote para a *Metamorfoses* prestar sua homenagem a Lima Barreto neste ano de 2024. E o faz como se deve: reavivando sua obra, por meio de novas e variadas leituras. Para este número especial da revista, foram selecionados artigos de pesquisadores de diferentes níveis, de diferentes origens, de diferentes orientações teóricas, de diferentes cores; e que tratam de distintas faces desse autor a um só tempo tão múltiplo e tão único.

Os três primeiros artigos tratam da relação, sempre tensa, entre literatura e sociedade, tendo como objeto privilegiado a obra romanesca do escritor – ainda que eventualmente recorram aos diários, às cartas, às crônicas. Em “De Lima Barreto a Isaías Caminha: o boicote à efabulação racial do *utamawaso* brasileiro”, Itamara Alonso e João Camillo Penna examinam, a partir de uma abordagem epistemológica afrocêntrica, em que medida o primeiro romance do autor efetua uma ruptura com os pressupostos ociden-

tais acerca da noção de raça. Também Andreia Aparecida Pantano, em “Na tessitura da ficcionalização: Lima Barreto e o tema da loucura”, analisa a postura crítica do escritor em relação aos valores dominantes de seu tempo – neste caso, a estética naturalista e os paradigmas científicos que a embasavam.

Já em “O desencantamento educacional em Lima Barreto a partir de um olhar sobre as *Recordações do escrivão Isaías Caminha* e *Vida e morte de M. J. Gonzaga de Sá*”, Patrick Silva dos Santos observa a representação da mobilidade social mediada pela educação, nesses dois romances, como um processo sem efetividade, no que concerne às garantias de inserção do sujeito na condição de cidadão com plenos direitos. No quarto artigo, “A memória em Lima Barreto: uma leitura da crônica ‘Maio’ sob o viés da narração de fatos históricos”, o objeto de análise se desloca do romance para a crônica, porém sob o mesmo foco, o da relação entre estrutura social e forma literária; nele, Brenda Ar-yane Serdeira investiga como as memórias de um acontecimento histórico da mais alta relevância para o país, a Abolição da Escravidão, em 1888, testemunhado por um Lima Barreto de apenas sete anos de idade, ganha vida em uma crônica sua de 1911.

Os dois artigos seguintes são dedicados à escrita de caráter mais testemunhal de Lima Barreto, em particular à obra em que ele elabora ficcionalmente a sua experiência como interno de um hospício. Em “O abismo e os seus desdobramentos em *O cemitério dos vivos*”, Carolina Lauriano Soares da Costa lê esse romance inacabado à luz da «poética do abismo», de Édouard Glissant, compreendida como experiência aterradora vivida pelos povos africanos e americanos que sofreram todo tipo de horror e de violência, ao longo da história das Américas, devido aos processos colonizadores, e que se apresentaram de diferentes formas, a partir do final do século XIX. E em “Digging Up *The Cemetery Of The Living*: A Transatlantic Topos, from The French Revolution, to Rosalía de Castro, to Lima Barreto”, Dylan Blau Edelstein parte da menção a um “cementerio de los vivos” no poema “Santa Escolástica”, da galega Rosalía de Castro, para reconstituir a genealogia do topos do “cemitério dos vivos”, iluminando assim o como e o porquê de esses autores empregarem a mesma imagem para dar nome ao lugar que os oprime, enquanto, paradoxalmente, serve como refúgio criativo.

Completam o número uma breve reportagem e uma entrevista. Na primeira, intitulada “Cem anos de Clara dos Anjos: feminismo negro e a questão fundamental da mestiçagem bastarda brasileira”, Denise Lima dá notícia do movimento denominado «Quilombo do Lima», formado na Festa Literária das Periferias e que reuniu 22 jovens escritores, ao longo do ano de 2023, em uma série de oficinas e palestras. Finalmente, na entrevista, Beatriz Resende, Lilia Moritz Schwarcz e Júlio Tavares, três dos pesquisadores da obra de Lima Barreto de maior destaque na atualidade, comentam sobre a relação do escritor com o seu e com o nosso tempo, as suas aspirações e o seu legado.